



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Hutz, Claudio Simon; Nunes, Carlos H.; Silveira, Alice D.; Serra, Jovana; Anton, Márcia; Wieczorek, Luciane S.

O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 11, núm. 2, 1998, p. 0

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18811215>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores¹

Claúdio S. Hutz²

Carlos H. Nunes

Alice D. Silveira

Jovana Serra

Márcia Anton

Luciane S. Wieczorek

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O objetivo deste trabalho foi desenvolver marcadores para a avaliação da personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores para uso no Brasil, funcionalmente equivalente ao inventário de Goldberg (1992). Participaram deste estudo 976 estudantes de diversas universidades da região sul do Brasil, de ambos os sexos. Os sujeitos se auto-descreveram, respondendo a um instrumento previamente desenvolvido, que continha 96 termos (adjetivos) obtidos através de um estudo piloto que examinou cerca de 180 descritores de traços frequentemente utilizados em português. Esses termos foram também considerados por juízes como descritores dos cinco fatores. Análises fatoriais, utilizando diferentes métodos de extração, mostraram que uma solução de 5 fatores é apropriada. Independentemente do método de análise, a estrutura fatorial dos itens se mantém estável. Os fatores extraídos correspondem aos descritos na literatura. O primeiro fator foi "Socialização" ("agreeableness"), seguido por "Extroversão", "Escrupulosidade" ("conscientiousness"), "Neuroticismo" e "Abertura para Experiência". Os resultados mostraram ainda que os marcadores retidos formam escalas psicometricamente adequadas.

Palavras-chave: Personalidade, Cinco Grandes Fatores, Avaliação Psicológica.

The development of the big five markers for personality assessment in Brazil

Abstract

The aim of the present paper was to develop markers for personality assessment within the framework of the Big Five Personality Factors Model in Brazilian Portuguese that are functionally equivalent to those developed by Goldberg (1992). The participants were 976 students of both sexes of several universities in southern Brazil. Subjects described themselves using 96 adjectives which were previously obtained in a pilot study that examined 180-trait descriptors frequently used in Portuguese. These descriptors were also considered by judges as descriptors of the Big Five Factors. Factor analysis, using different extraction methods showed that a 5-factor solution was adequate. Independently of the method of analysis, the items loaded in the same factors and the extraction order did not vary. The first factor was Agreeableness, followed by Extroversion, Conscientiousness, Neuroticism e Intellect.

Key words: Big-Five Model, Big-Five Portuguese Personality Markers, Personality Assessment.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

O objetivo básico deste estudo foi o de desenvolver um instrumento de avaliação da personalidade, funcionalmente equivalente ao inventário de Goldberg (1992), no contexto do modelo dos Cinco Grandes Fatores, apropriado para uso no Brasil.

O modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é uma versão moderna da Teoria de Traço que representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável. Os cinco fatores não emergem apenas em instrumentos desenvolvidos com a finalidade de identificá-los. Os principais questionários e inventários de avaliação da personalidade, desenvolvidos com base em várias teorias da personalidade (por exemplo, o 16-PF, o MMPI, a escala de Necessidades de Murray, o California Q-Set, as escalas de Comrey, entre outros), quando submetidos a análises fatoriais, isoladamente ou em conjunto, produzem soluções compatíveis com o modelo CGF. Independentemente da teoria em que os autores se basearam para desenvolver instrumentos objetivos de avaliação da personalidade, análises fatoriais desses instrumentos sistematicamente têm demonstrado que os fatores emergentes são consistentes com o modelo CGF (McCrae & Costa, 1989; Digman, 1990; McAdams, 1992; Briggs, 1992; McCrae & John, 1992; Ozer & Reise, 1994).

As aplicações possíveis deste modelo são numerosas. É difícil exagerar a importância de instrumentos baseados no modelo CGF para pesquisadores em áreas básicas da psicologia do desenvolvimento, personalidade e social. Embora o modelo seja ainda recente, vários estudos têm demonstrando a utilidade do modelo na avaliação psicológica (Costa & McCrae, 1992; Costa & Widiger, 1992; Widiger & Trull, 1992; Wiggins & Pincus, 1992), na psicoterapia (Miller, 1992), na psicologia comunitária e da saúde (Smith & Williams, 1992), entre outras áreas.

Embora haja consenso com relação a solução de cinco fatores, ainda persistem divergências com relação à denominação dos fatores e aos traços ou características de personalidade agrupadas em cada dimensão. A denominação dos fatores não representa um problema metodológico ou epistemológico. Sua importância restringe-se a facilitar a comunicação. Porém, consenso com relação ao conteúdo das dimensões é fundamental para o modelo CGF. Vários autores (Goldberg, 1981; Hogan, 1983; Brand, 1984; John, 1989; Digman, 1990, entre outros) tentaram organizar as diversas soluções fatoriais encontradas. A descrição que se segue é um resumo simplificado do entendimento atual que se têm dos cinco fatores:

O fator I geralmente tem sido chamado de **Extroversão/Introversão** (em inglês, o termo *surgency*, utilizado originalmente em 1961 por Tupes e Christal (1992) é também usado com frequência). Este fator corresponde ao fator I (Extroversão) da Escala de Eysenck (1970) e ao fator "Atividade Social" do sistema de Guilford.

Denominaremos o fator II de **Nível de Socialização**, uma expressão utilizada por Lorr e Strack (1993). O fator II foi denominado originalmente usando o termo inglês *agreeableness*, indicando uma tendência a ser socialmente agradável, caloroso, dócil. Alguns autores, como Digman (1990, pp. 422-424), dizem que este termo é "tépido para descrever uma dimensão que envolve os aspectos mais humanos (da pessoa) - características como altruísmo, cuidado, amor, apoio emocional (em um extremo da dimensão) e hostilidade, indiferença aos outros, egoísmo, e inveja (no outro extremo). Parte dos itens da escala de Psicoticismo (terceiro fator) de Eysenck (1970) carregam neste fator quando marcadores dos CGF são utilizados na análise fatorial (Digman, 1990; McAdams, 1992).

PSICOLOGIA REFLEXAO E CRITICA

O fator III geralmente tem sido denominado de **Escrupulosidade** (*conscientiousness*, em inglês). Outro termo frequentemente empregado tem sido **Vontade** (*Will*). Este fator agrupa traços ou características de personalidade que levam a responsabilidade, honestidade, ou, no outro extremo, negligência, irresponsabilidade. Alguns estudos têm mostrado que este fator se correlaciona com desempenho acadêmico, organizando e dirigindo o comportamento, o que levou alguns autores (Smith, 1967; Digman & Takemoto-Chock, 1981) a denominá-lo **vontade (desejo) de realização** (*will to achieve*). Praticamente, quase toda a variância do terceiro fator (psicoticismo) da escala de Eysenck é explicada pelos fatores II e III do modelo CGF (Digman, 1990).

O fator IV, comumente denominado **Neuroticismo/Estabilidade Emocional**, é equivalente ao segundo fator (neuroticismo) da escala de Eysenck. Este fator compreende um domínio da personalidade bem conhecido e descrito e que faz parte da maioria dos instrumentos de avaliação da personalidade (ver, por exemplo, Widiger & Trull, 1992). Essencialmente, características de personalidade envolvendo afeto positivo e negativo, ansiedade, estabilidade emocional, etc., se agrupam neste fator.

Finalmente, o fator V, denominado **Intelecto**, diz respeito à percepção que a pessoa (ou os outros) tem de sua própria inteligência ou capacidade. Este fator, que também tem sido chamado de **Abertura para Experiência**, engloba características como flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação, abertura para novas experiências e interesses culturais.

Origem e Desenvolvimento dos CGF

O modelo CGF originou-se de estudos da linguagem natural dos descritores de traços de personalidade. No início da década de 1930, McDougall sugeria analisar a personalidade a partir de cinco fatores independentes que, na época, foram denominados *intelecto, caráter, temperamento, disposição, e humor* (John, Angleitner, & Ostendorf, 1988). Nessa mesma época, na Alemanha, Klages (em John et al., 1988) também sugeria que uma análise da linguagem ajudaria a entender a personalidade. Isso levou outro estudioso da área, Baumgarten, a examinar termos utilizados para descrever traços de personalidade em alemão. O trabalho de Baumgarten teve uma influência fundamental sobre Allport que, em conjunto com Odbert, examinou cerca de 400.000 palavras do Webster's New International Dictionary, derivando 4.500 descritores de traços de personalidade (Briggs, 1992). O trabalho de Allport e Odbert foi muito influente no estudo da personalidade a partir da década de 1940, especialmente nas investigações de Cattell e seus associados (por exemplo, Cattell, 1946, 1965; Cattell, Eber, & Tatsuoka, 1970).

O sistema de Cattell baseou-se em análises fatoriais de descrições de personalidade obtidas através de entrevistas, questionários e avaliações entre pares. Atribui-se a Cattell o desenvolvimento de uma metodologia que permitiu agrupar de forma objetiva centenas de descritores de traços (Digman, 1990). É importante observar que os métodos de análise fatorial existentes na época eram muito limitados e pouco sofisticados. Análises fatoriais, que hoje são realizadas em poucos minutos por computador, eram feitas manualmente com a ajuda de régua e calculadora e demandavam considerável trabalho e esforço. Essas dificuldades computacionais foram em parte responsáveis pela complexidade do modelo de Cattell, que utilizou 16 fatores primários e 8 fatores de segunda ordem. Porém, mesmo sem facilidades computacionais sofisticadas, já no final da década de 1940, críticas foram formuladas à complexidade do modelo desenvolvido por Cattell e soluções mais simples começaram a ser apresentadas. Fiske (1949), por exemplo, demonstrou que uma solução de cinco fatores era satisfatória utilizando 21 escalas bipolares de Cattell. Digman (1990) comenta que, apesar de sua qualidade, o trabalho de Fiske não influenciou o desenvolvimento de modelos na área. O modelo de Cattell continuou a ser utilizado e os principais modelos fatoriais desenvolvidos posteriormente (por exemplo, Eysenck, 1970; Guilford, 1975) não utilizaram uma solução de cinco fatores.

PSICOLOGIA REFLEXÃO E CRÍTICA

Nova evidência empírica de que um modelo de cinco fatores seria mais adequado para descrever a estrutura da personalidade surgiu no final da década de 1950 com um estudo de Tupes e Christal (1992). Estes autores reanalisaram os dados que embasaram a criação do 16-PF de Cattell e dois conjuntos de dados do estudo de Fiske (1949) e concluíram que uma solução de cinco fatores produziria o melhor modelo possível.

O trabalho original de Tupes e Christal foi publicado como um relatório para a Força Aérea Americana e permaneceu desconhecido da maioria dos pesquisadores da área por alguns anos. Digman (1990) observa que enquanto o trabalho de Tupes e Christal permanecia desconhecido, "as publicações de Cattell e Eysenck dominaram a literatura como os principais modelos obtidos através da análise fatorial" (p. 419). Porém, algumas replicações e corroborações do modelo de cinco fatores foram publicadas na década de 1960 (por exemplo, Norman, 1963). Foi também demonstrada nesta época a utilidade do modelo para predição de comportamento e desempenho acadêmico (por exemplo, Wiggins, Blackburn, & Hackman, 1969).

Apesar da evidência, pesquisadores deram pouca ênfase a modelos estruturais da personalidade durante a década de 1970. Por um lado, houve um interesse crescente em investigar temas que apresentassem relevância social para a problemática da época, com ênfase na influência da situação sobre o comportamento. O espírito da época levou também a um descrédito generalizado de testes psicológicos em geral e duras críticas foram feitas a modelos de traço e sua mensuração por alguns autores como Mischel (1968), Ullmann e Krasner (1975), entre outros.

A reversão desta tendência no final da década de 1970, levou a um renovado interesse na área de avaliação psicológica em geral e modelos estruturais de personalidade tornaram-se novamente populares (Hutz & Bandeira, 1994). A pesquisa dos últimos 10 anos parece ter estabelecido um razoável consenso entre os pesquisadores da área quanto à solidez dos cinco fatores que têm sido considerados como formando o melhor modelo estrutural disponível na atualidade para a descrição da personalidade (Digman, 1990; Goldberg, 1992; McCrae & John, 1992; McCrae, Costa, & Piedmont, 1993; Ozer & Reise, 1994).

Por Que Cinco Fatores?

A descoberta dos cinco fatores foi acidental e se constitui em uma generalização empírica, replicada independentemente inúmeras vezes. Como o modelo não foi desenvolvido a partir de uma teoria, não há, conseqüentemente, uma explicação teórica *a priori* (e satisfatória) dos motivos que levariam a organização da personalidade em cinco (e não quatro, ou sete) dimensões básicas.

Alguns autores não consideram isso como uma dificuldade para o modelo. McCrae e John (1992) afirmam que situações similares existem em todas as ciências. Biólogos, por exemplo, identificaram oito classes de vertebrados. A teoria da evolução pode ser usada para explicar o desenvolvimento das classes, mas não há teoria que explique por que os vertebrados se dividem em oito (e não em cinco, ou 11) classes.

Porém, vários autores têm questionado a origem do número de fatores. Como já foi mencionado, o modelo CGF tem suas origens na análise da linguagem utilizada para descrever pessoas. O uso de descritores de traços (geralmente adjetivos) da linguagem natural tem sido defendido como a melhor estratégia para identificar fatores que permitam entender melhor características de personalidade (Briggs, 1992). Esse posicionamento decorre de uma hipótese léxica que afirma que "as diferenças individuais mais significativas nas interações diárias das pessoas são codificadas na linguagem" (Goldberg, 1982, p. 204). Goldberg argumenta que se uma característica de personalidade for saliente, isto é, capaz de gerar diferenças individuais socialmente relevantes, as pessoas vão notar esta característica e, como ela é importante, vão querer falar sobre ela. Em conseqüência, uma palavra ou expressão terminará sendo inventada para descrever essa característica ou traço.

PSICOLOGIA REFLEXAO E CRITICA

McAdams (1992) observa que os cinco fatores se referem a informações fundamentais que geralmente queremos ter sobre pessoas com quem vamos interagir. Anteriormente, Goldberg (1981) também havia observado que os cinco fatores sugerem que o desenvolvimento da linguagem em diferentes sociedades expressa uma preocupação em obter cinco conjuntos de informações sobre pessoas. Aparentemente, nas sociedades estudadas, as pessoas querem saber se o estranho, o visitante ou o aprendiz com quem vão interagir é: 1) ativo e dominante ou passivo e submissivo; 2) socialmente agradável ou desagradável, amigável ou frio, distante; 3) responsável ou negligente; 4) louco, imprevisível ou "normal", estável; 5) esperto ou um tolo, aberto a novas experiências ou desinteressado por tudo aquilo que não diz respeito à experiência do cotidiano.

A questão que emerge a seguir diz respeito à universalidade de um sistema baseado numa estrutura linguística. Seriam essas questões as mesmas em todas as culturas?

Como o modelo CGF é relativamente recente, o número de replicações transculturais ainda é pequeno. Porém, o modelo foi replicado em alemão (Borkenau & Ostendorf, 1990), japonês (Bond, Nakazato, & Shiraishi, 1975), chinês (Yang & Bond, 1990), hebraico (Birenbaum & Montag, 1986). Investigações com estudantes de Hong Kong, das Filipinas e dos Estados Unidos também replicaram o modelo CGF (Bond, 1979). Atualmente, está em curso uma tentativa de adaptar o NEO-PI para o português, em Portugal (Paul Costa, comunicação pessoal) e para o Russo (Draguns et al., 1998). Essa mesma equipe também replicou o modelo CGF com os Nentsy, uma população relativamente isolada que vive no círculo Ártico na Rússia e que tem uma linguagem própria.

McCrae e John (1992) salientam que pode haver vantagens adaptativas em ser capaz de identificar nos outros as características que fazem parte dos cinco fatores. Nesta mesma linha de raciocínio, Buss (1991) argumentou que o modelo CGF pode representar "dimensões importantes do terreno social (e que) seres humanos foram selecionados para percebê-las e agir com relação a elas" (p. 473). Essas suposições, se verdadeiras, explicam por que os cinco fatores devem estar representados na linguagem de todas as culturas. As replicações obtidas em outras culturas tendem, por enquanto, a apoiar a universalidade do modelo CGF.

Obtenção de Indicadores dos Cinco Grandes Fatores em Português

Goldberg (1992) observou que a identificação de variáveis com carga em um único fator para representar a linguagem natural dos traços de personalidade é problemática. Em inglês (e muito provavelmente em português) descritores de traços não se agrupam perfeitamente em fatores pois muitos adjetivos possuem significados múltiplos (o que pode levar uma variável a apresentar carga em mais de um fator ou em nenhum fator). Variáveis bipolares apresentam ainda a dificuldade adicional de encontrar conjuntos de adjetivos que sejam sinônimos ou antônimos perfeitos entre si.

A obtenção de indicadores para os CGF em português obviamente não pode ser feita a partir de traduções de instrumentos de língua inglesa. Se a hipótese léxica de Goldberg (1982) for correta, será necessário identificar esses indicadores entre os adjetivos atualmente em uso na língua portuguesa. Embora seja provável que muitos adjetivos utilizados em instrumentos de língua inglesa (como os marcadores de CGF de Goldberg, 1992) apresentarão cargas nos mesmos fatores se traduzidos para o português, não há justificativa lógica que permita tal inferência *a priori*. Muitos adjetivos em inglês têm significados e nuances diferentes de seus equivalentes em português, e vice-versa.

A estratégia que utilizaremos para identificar descritores será similar à utilizada para produzir instrumentos como o BSRI (Hutz & Koller, 1992). Essa estratégia consiste basicamente em obter, de amostras das populações de interesse para a pesquisa, julgamentos sobre a adequação dos adjetivos que eventualmente irão compor os itens do instrumento.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Método

Amostra

Participaram deste estudo 976 estudantes universitários de ambos os sexos, oriundos de vários cursos de graduação de diversas universidades no Rio Grande do Sul.

Instrumento

Foi utilizada uma lista com 93 descritores de traços (adjetivos). Esta lista foi obtida através de estudos pilotos que analisaram 163 descritores de traços obtidos a partir de uma análise dos termos equivalentes em português das listas de Goldberg (1992) e Norman (1963), complementados por sinônimos e antônimos em português e dos adjetivos utilizados anteriormente para a construção do BSRI (Hutz & Koller, 1992). Foram excluídos os termos que juízes (dois estudantes de pós-graduação familiarizados com a literatura sobre os CGF e dois bolsistas de IC, não familiarizados com esta área) consideraram incomuns, de significado obscuro, regionalismos ou com significados múltiplos. Foram também excluídos termos que cerca de 150 estudantes universitários testados em sala de aula não conheciam ou usavam muito infrequentemente.

Procedimento

Os sujeitos foram testados em sala de aula. Solicitou-se que os participantes examinassem uma lista contendo 93 descritores de personalidade e, a seguir, que assinalassem em uma escala do tipo Likert de 7 pontos quão apropriado era cada adjetivo para descrevê-los. A escala foi ancorada nas extremidades: "1" significa que o sujeito acredita que o adjetivo o descreve apropriadamente e "7" significa que o adjetivo não o descreve apropriadamente.

A testagem foi realizada por assistentes treinados e familiarizados com esse tipo de procedimento. Perguntas gerais eram respondidas, mas não se forneciam explicações ou sinônimos para os adjetivos.

Foi garantido aos participantes sigilo e confidencialidade das respostas. Os participantes foram informados do objetivo do estudo e do caráter voluntário da participação.

Resultados

Inicialmente, seguindo a sugestão de Ben-Porath (1990), os dados coletados foram submetidos a uma análise fatorial exploratória utilizando vários métodos de extração. Resultados praticamente idênticos foram obtidos independentemente do método utilizado. Por isso, e considerando que o método mais empregado em estudos desta natureza tem sido a rotação varimax, os resultados obtidos com esse método são apresentados neste estudo.

A análise fatorial permitiu identificar cinco fatores distintos, que denominamos "Socialização", "Extroversão", "Realização", "Neuroticismo" e "Abertura", com eigenvalues de 16.06, 7.08, 4.19, 3.66 e 2.89, respectivamente. Os 64 itens retidos, com suas respectivas cargas fatoriais são apresentados na [Tabela 1](#). Foram excluídos 29 itens. Os critérios de exclusão foram carga superior a .30 em mais de um fator ou carga inferior a .30 em todos os fatores.

Tabela 1- Cargas Fatoriais dos Itens em cada um dos Cinco Fatores

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

	Fator 1 Socialização	Fator 2 Extroversão	Fator 3 Realização	Fator 4 Neuroticismo	Fator 5 Abertura
Itens					
Afável	,49				
Dócil	,58				
Sociável	,43				
Agradável	,51				
Generosa	,52				
Romântica	,59				
Gentil	,53				
Amável	,69				
Compreensível	,53				
Amigável	,60				
Fria	-,48				
Bondosa	,63				
Apaixonada	,57				
Simpática	,56				
Sentimental	,64				
Delicada	,54				
Acanhada		-,68			
Extrovertida		,71			
Comunicativa		,66			
Desembaraçada		,61			
Introvertida		-,76			
Envergonhada		-,72			
Tímida		-,79			
Quieta		-,67			
Inibida		-,75			
Calada		-,70			
Honrada			,46		
Responsável			,62		
Dedicada			,58		
Esforçada			,63		
Estudiosa			,63		
Honesta			,47		
Desorganizada			-,52		
Eficiente			,53		
Cuidadosa			,52		
Metódica			,44		
Organizada			,60		
Meticulosa			,41		
Assídua			,56		
Compenetrada			,63		

Continuação da Tabela 1

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

	Fator 1 Socialização	Fator 2 Extroversão	Fator 3 Realização	Fator 4 Neuroticismo	Fator 5 Abertura
Itens					
Pessimista				-,62	
Feliz				,56	
Aborrecida				,55	
Afirmativa				,35	
Egoista				-,35	
Infeliz				-,60	
Deprimida				-,70	
Insegura				-,47	
Antipática				-,35	
Solitária				-,48	
Ansiosa				-,46	
Triste				-,67	
Curiosa					,34
Engraçada					,49
Criativa					,50
Filosófica					,31
Corajosa					,42
Enérgica					,43
Aventureira					,57
Audaciosa					,60
Imaginativa					,48
Intelectual					,38
Artística					,41
Impulsiva					,35
Eigenvalue	14.06	7.08	4.19	3.66	2.89
% Var Total	19.90	9.99	5.98	4.69	3.35
Alfa Crom	.88	.88	.84	.80	.78
Média	5.83	4.04	5.64	4.16	5.61
DP	1.05	1.31	1.06	1.23	1.16

Medidas de fidedignidade (Alpha de Cronbach), médias e desvios-padrões para cada um dos cinco fatores estão também apresentados na [Tabela 1](#). As médias foram calculadas invertendo os itens de carga negativa, de tal forma que quanto mais alto o escore, maior o nível de socialização, de extroversão, de realização, de neuroticismo e de abertura para experiência.

Uma análise multivariada de variância (MANOVA) mostrou diferenças significativas de sexo em todos os fatores, exceto neuroticismo. Homens apresentaram médias mais elevadas no Fator 1, 2 e 3 (5.9, 4.3 e 5.9, respectivamente) do que mulheres (5.6, 3.6, e 5.3, respectivamente). No Fator 5, a média das mulhres (5.8) foi significativamente mais elevada do que a dos homens (5.4). Não houve diferença significativa no Fator 4, onde a média dos homens foi 4.1 e a das mulheres 4.3. Observe-se que as diferenças são de pequena maginitude e foram detectadas porque a amostra é muito grande. É possível que essas diferenças não tenham implicação prática, no sentido de requerer normas diferenciadas por sexo. Essa porém é uma questão que demandará atenção quando um instrumento definitivo for construído.

Discussão

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

O principal e mais relevante achado deste estudo consiste na verificação da possibilidade de utilizar o Modelo dos Cinco Grandes Fatores com populações brasileiras. Por um lado, este achado expande as possibilidades de generalização e contribui para fortalecer a idéia de universalidade do modelo CGF. Por outro, abre caminho para a tradução e adaptação de instrumentos como o NEO-PI- e a produção de instrumentos locais que facilitarão e impulsionarão a pesquisa brasileira, permitirão o desenvolvimento de pesquisas transculturais e, sobretudo, permitirão que profissionais brasileiros possam ter acesso a instrumentos modernos de avaliação da personalidade para a prática clínica e de avaliação psicológica.

Entretanto, resta ainda um longo caminho. Será necessário agora, além de construir instrumentos e adaptar os já existentes, realizar estudos de normatização e de validação que inicialmente poderão inclusive ser feitos com os marcadores identificados. Inicialmente, seria importante aplicar simultaneamente os marcadores e alguns instrumentos de personalidade disponíveis no Brasil. O instrumento que historicamente tem se prestado para esse tipo de análise é o 16-PF de Cattell. Além disso, devem ser também realizados estudos com as escalas de Extroversão e Neuroticismo do Questionário de Personalidade de Eysenck que se encontram em processo de adaptação para uso em português (Gomes, comunicação pessoal), algumas escalas do teste de Comrey (também adaptado para uso no Brasil) e, sobretudo, com a mais recente escala de personalidade lançada no país, o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP) (Pasquali, Azevedo, e Ghesti, 1997).

A escolha das escalas de Eysenck é óbvia. Os fatores I e IV do modelo CGF apresentam elevadas correlações com os fatores I e II de Eysenck. Quando esses dois instrumentos são submetidos conjuntamente a uma análise fatorial, os itens dos fatores I de ambas as escalas devem produzir um único fator; o mesmo deve ocorrer com os itens do fator II de Eysenck e do fator IV do modelo CGF.

Uma das escalas do teste de Comrey que valeria a pena investigar, juntamente com o BSRI e os marcadores CGF é a escala de Masculinidade\Feminilidade. Este é um estudo que poderia contribuir para a elucidação da localização das dimensões masculinidade e feminilidade no contexto do modelo CGF. Não há estudos conclusivos nesta área. Aparentemente não foi realizado nenhum estudo envolvendo um instrumento que avalie os cinco fatores simultaneamente e medidas estabelecidas de masculinidade e feminilidade. Recentemente, verificou-se que as versões em português da escala MF de Comrey e das escalas de masculinidade e feminilidade do BSRI não medem os mesmos construtos (Pizzato, 1994). Este achado é de certa forma surpreendente. Como infelizmente, não há na literatura internacional estudos comparando esses dois instrumentos, as baixas correlações obtidas podem estar refletindo a inadequação da versão brasileira de um ou de ambos instrumentos. É possível porém que estes instrumentos avaliem aspectos distintos, talvez complementares, dos construtos. Uma análise em conjunto com um instrumento que avalia os cinco fatores poderá permitir um entendimento mais claro das dimensões envolvidas nas diferentes escalas de masculinidade e feminilidade.

Finalmente, é preciso apontar que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores apresenta algumas limitações. É geralmente aceito que uma teoria de personalidade abrangente e sólida deve apresentar explicações satisfatórias para: a) processos universais da personalidade, b) dimensões comuns de diferenças individuais e c) características únicas do indivíduo (McCrae & John, 1992). O modelo CGF produz, pelo menos, descrições referentes aos itens **a** e **b** acima, mas certamente não consiste num sistema explicativo completo. Mesmo os mais ardorosos defensores do modelo CGF admitem que esse modelo não é um substituto para outros sistemas de personalidade, mas um referencial para interpretá-los (McCrae & Costa, 1989).

Outra limitação importante do modelo consiste na falta de contexto na avaliação dos fatores. Esta é uma limitação comum das medidas de personalidade e uma das razões pelas quais se afirma que um teste, isoladamente, nunca é suficiente para produzir um diagnóstico confiável. A importância de contextualizar a informação coletada através de um teste para fins clínicos tem sido reconhecida (por exemplo, o trabalho de André Jacquemin com o Rorschach temático) e se

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

constitui num capítulo especial na área de avaliação psicológica. Isso porém não desmerece a utilização de instrumentos de avaliação da personalidade com os mais diversos fins, respeitadas as limitações de cada instrumento.

Referências

Ben-Porath, Y. S. (1990). Cross-cultural assessment of personality: The case for replicatory factor analysis. Em J. N. Butcher & C. D. Spielberg (Eds.), *Advances in Personality Assessment*. (Vol. 8, pp.27-48). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Birenbaum, M. & Montag, I. (1986). On the location of the sensation seeking construct in the personality domain. *Multivariate Behavioral Research*, 21, 357-373.

Bond, M. H. (1979). Dimensions of personality used in perceiving peers: Cross-cultural comparisons of Hong Kong, Japanese, American, and Filipino university students. *International Journal of Psychology*, 14, 47-56.

Bond, M. H., Nakazato, H., & Shiraishi, D. (1975). Universality and distinctiveness in dimensions of Japanese person perception. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 6, 346-357.

Borkenau, P. & Ostendorf, F. (1990). Comparing exploratory and confirmatory factor analysis: A study on the 5-Factor Model of personality. *Personality and Individual Differences*, 11, 515-524.

Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description. *Journal of Personality*, 60, 253-293.

Buss, D. M. (1991). Evolutionary personality psychology. *Annual Review of Psychology*, 42, 459-491.

Cattell, R. B. (1946). *The description and measurement of personality*. Yonkers, NY: World Books.

Cattell, R. B. (1965). *The scientific analysis of personality*. Londres: Penguin.

Cattell, R. B., Eber, H. W., & Tatsuoka, M. M. (1970). *Handbook for the Sixteen Personality Factors Questionnaire*. Champaign, IL: The Institute for Personality and Ability Testing.

Costa, P. T. & McCrae, R. R. (1992). *Revised Neo-Personality Inventory (NEO-PI-R) and Neo Five-Factor Inventory (NEO-FFI) Professional Manual*. Odessa, FL.: Psychological Assessment Resources.

Costa, P. T. & Widiger, T. A. (1992). *Personality disorders and the Five-Factor Model of personality*. Washington, DC: American Psychological Association.

Digman, J. M. (1990). Personality structure: The emergence of the Five-Factor Model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.

Draguns, J., Krilova, A., Oryol, V., Rukavishnikov, A., & Martin, T. (1998). Personality characteristics of the Nentsy in the Russian Arctic. Trabalho apresentado no Simpósio Personality traits and culture - New perspectives on some classic issues, na 106 Reunião Anual da American Psychological Association (APA), San Francisco, CA.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Eysenck, H. J. (1970). *The structure of human personality*. Londres: Methuen.

Fiske, D. W. (1947). Consistency of the factorial structures of personality ratings from different sources. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 44, 329-344.

Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. *Review of Personality and Social Psychology*, 2, 141-165.

Goldberg, L. R. (1982). From ace to zombie: Some explorations in the language of personality. Em C. D. Spielberger & J. N. Butcher (Eds.), *Advances in personality assessment* (Vol. 1, pp. 203-234). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Goldberg, L. R. (1990). An alternative "Description of Personality": The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1216-1229.

Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the Big-Five factor structure. *Psychological Assessment*, 4, 26-42.

Guilford, J. P. (1975). Factors and factors of personality. *Psychological Bulletin*, 82, 802-814.

Hogan, R. (1983). Socioanalytic theory of personality. Em M. M. Page (Ed.), *1982 Nebraska Symposium on Motivation: Personality - Current Theory and Research* (pp. 55-89). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1992). A mensuração do gênero: Uma readaptação do BSRI. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5, 15-21.

Hutz, C. S. & Bandeira, D. R. (1993). Tendências contemporâneas no uso de testes: Uma análise da literatura brasileira e internacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 6, 85-103.

John, O. P. (1989). Towards a taxonomy of personality descriptors. Em D. Buss & N. Cantor (Eds.), *Personality psychology: Recent trends and emerging dimensions* (pp. 261-271). New York: Springer-Verlag.

John, O. P., Angleitner, A., & Ostendorf, F. (1988). The lexical approach to personality: A historical review of trait taxonomic research. *European Journal of Personality*, 2, 171-203.

Lorr, M. & Strack, S. (1993). Some NEO-PI five-factor personality profiles. *Journal of Personality Assessment*, 60, 91-99.

McCAdams, D. P. (1992). The Five-factor Model in personality: A critical appraisal. *Journal of Personality*, 60, 329-361.

McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1989). More reasons to adopt the Five-Factor Model. *American Psychologist*, 44, 451-452.

McCrae, R. R., Costa, P. T., & Piedmont, R. L. (1993). Folk concepts, natural language, and psychological constructs: The California Psychological Inventory and the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 61, 1-26.

McCrae, R. R. & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-Factor Model and its applications. *Journal of Personality*, 60, 175-216.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

- Miller, T. R. (1992). The psychotherapeutic utility of the Five-Factor Model of personality: A clinician's experience. *Journal of Personality Assessment*, 57, 415-433.
- Nolan, Y., Johnson, J. A., & Pincus, A. L. (1994). Personality and drunk driving: Identification of DUI types using the Hogan Personality Inventory. *Psychological Assessment*, 6, 33-40.
- Norman, W. T. (1963). Toward an adequate taxonomy of personality attributes: Replicated factor structure in peer nomination personality ratings. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 66, 574-583.
- Ozer, D. J. & Reise, S. P. (1994). Personality Assessment. *Annual Review of Psychology*, 45, 357-388.
- Pasquali, L., Azevedo, M. M., & Ghesti, I. (1997). *Inventário Fatorial de Personalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pizzato, M. I. (1994). Auto-estima e papéis sexuais em adolescentes e seus pais. *Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, RS: Curso de Pós-Graduação em Psicologia, UFRGS.
- Plomin, R. & McClearn, G. E. (1990). Human behavioral genetics of aging. Em J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (3ª edição, pp. 67-78). New York: Academic Press.
- Rushton, J. P., Fulker, D. W., Neale, M. C., Nias, D. K. B., & Eysenck, H. J. (1986). Altruism and aggression: The heritability of human differences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 1048-1051.
- Smith, G. M. (1967). Usefulness of peer ratings in personality in educational research. *Educational and Psychological Measurement*, 27, 967-984.
- Smith, T. W. & Williams, P. G. (1992). Personality and health: Advantages and limitations of the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 60, 395-423.
- Tupes, E. C. & Christal, R. E. (1992). Recurrent personality factors based on trait ratings. *Journal of Personality*, 60, 225-252.
- Widiger, T. A. & Trull, T. J. (1992). Personality and psychopathology: An application of the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 60, 363-393.
- Wiggins, N., Blackburn, M., & Hackman, J. R. (1969). The prediction of first-year success in psychology: Peer ratings. *Journal of Educational Research*, 63, 81-85.
- Wiggins, J. S. & Pincus, A. L. (1992). Personality: Structure and assessment. *Annual Review of Psychology*, 43, 473-504.
- Yang, K. & Bond, M. H. (1990). Exploring implicit personality theories with indigenous or imported constructs: The Chinese case. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 1087-1095.

¹ Trabalho financiado pelo CNPq e FAPERGS.

² Endereço para correspondência: Claudio S. Hutz, Instituto de Psicologia, UFRGS, Ramiro Barcelos 2600, Porto Alegre, RS, 90035-003. E-mail: hutzc@vortex.ufrgs.br.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA